

# SURGIMENTO E TRAJETÓRIA DO ANARQUISMO

Felipe Corrêa

## CONTEXTO HISTÓRICO E SURGIMENTO DO ANARQUISMO

O anarquismo surgiu em um contexto histórico particular, que contou com mudanças sociais de imensa envergadura, em todas as esferas, e que culminaram no século XIX. Conforme sustenta Rafael V. da Silva, foi aquela circunstância que proporcionou as condições para o surgimento do anarquismo.

É possível compreendermos a emergência do anarquismo, como intimamente ligada ao contexto histórico do século XIX de formação da classe trabalhadora. Neste contexto rico de lutas, os trabalhadores se organizavam e ameaçavam governos e patrões com o espectro do socialismo. O anarquismo surge desta efervescência das lutas dos trabalhadores na segunda metade do século XIX, num quadro de desenvolvimento industrial e tecnológico sem grandes precedentes, mas também como anteriormente mencionado, de formação de uma consciência de classe que envolve sistemas de referências, valores e tradições, que possuem raízes em lutas anteriores. Muito mais do que uma mera construção teórico-filosófica, o anarquismo fincou sua raiz exatamente no interior das discussões sobre quais seriam os meios de se atingir a sociedade socialista: discussões que se davam no contexto das lutas da classe trabalhadora.<sup>1</sup>

Corroboro essa tese da emergência do anarquismo na segunda metade do século XIX, diretamente vinculada às classes dominadas e à própria trajetória do socialismo.

Considero que o surgimento do anarquismo está diretamente associado a esse contexto histórico particular. Juntamente com o desenvolvimento de uma estrutura de dominação capitalista, estatista e pautada nos valores modernos, surgem inimigos das classes dominantes que, não se sentindo contemplados pelas ideologias políticas em voga, elaboram, a partir de uma inter-relação prática-teórica, os elementos basilares do anarquismo.

Os próprios circuitos e centros do imperialismo, do capitalismo industrial, e das formações do Estado [moderno] proporcionaram os vínculos em que esses inimigos, anarquistas e sindicalistas, surgiram. As primeiras mobilizações da globalização para o trabalho na indústria e para as guerras espalharam o radicalismo e conectaram os radicais, suas comunicações baratas por meio de navios a vapor, telégrafos, sua imprensa a preços populares provieram os meios para um contato contínuo e seus novos centros industriais ofereceram as possibilidades para os recrutamentos sindicais em massa.<sup>2</sup>

Foi esse momento do século XIX que permitiu o surgimento e a difusão do anarquismo.

O trabalho capitalista desumano, que implicava jornadas extenuantes e péssimas condições de trabalho, contribuiu para o fortalecimento das posições anticapitalistas. Os

---

<sup>1</sup> Silva, Rafael Viana da. *Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de redemocratização (1946-1954)*. Rio de Janeiro: UFRJ (monografia de conclusão de curso), 2011, pp. 22-23.

<sup>2</sup> Van der Walt, Lucien; Hirsch, Steven. "Rethinking Anarchism and Syndicalism: the colonial and postcolonial experience, 1870-1940." Hirsch, Steven; Van der Walt, Lucien (orgs.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: the praxis of national liberation, internationalism, and social revolution*. Leiden/Boston: Brill, 2010, pp. xxxiv-xxxv.

Estados brutais, baseados na repressão e na intervenção expansionista, colaboraram com o estabelecimento de posições antiestatistas. O racionalismo e os valores difundidos contribuíram para que se elaborassem análises críticas da realidade e objetivos de transformação revolucionários e socialistas.

Experiências históricas precedentes demonstravam, crescentemente, a necessidade de um projeto próprio das classes dominadas e de um movimento transformador que as tivesse como centro; não podiam, conforme foi sendo percebido, continuar a ser utilizadas na construção de projetos das classes dominantes. Tradições políticas anteriores, pautadas na tomada violenta do poder por minorias conscientes, evidenciavam sua ineficácia na emancipação dos trabalhadores e apontavam para a necessidade de processos transformadores de bases mais amplas e democráticas, que pudessem, de fato, promover a liberdade, a igualdade e a fraternidade. A diminuição da influência da Igreja permitia que diversos espaços de lazer fossem politizados e, juntamente com alternativas no campo da educação, robustecessem uma determinada cultura de classe.

Os extensos fluxos migratórios e o aperfeiçoamento das comunicações permitiram a conexão permanente entre militantes e o robustecimento do internacionalismo; movimento que se relaciona diretamente com o desenvolvimento dos transportes, dos correios e da comunicação. Rodovias, trens e barcos não apenas se aprimoravam, mas apareciam cada vez em maior número e com os custos mais acessíveis; as viagens tornavam-se mais constantes, assim como o deslocamento de militantes dentro e fora de seus países. O aumento de eficácia dos correios possibilitou a troca permanente de correspondências e publicações entre anarquistas de diferentes lugares do mundo. Os progressos químicos e da prensa rotativa a vapor contribuíram com o crescimento na difusão de informações, no número de publicações e com seu barateamento; a melhoria da educação permitiu que um número crescente de trabalhadores lesse essas publicações. Esse avanço tecnológico possibilitou que os anarquistas entrassem em contato, se comunicassem, trocassem publicações, possibilitando a rápida difusão e o espalhamento do anarquismo.

### **CONFORMAÇÃO DO ANARQUISMO ENTRE 1868 E 1886**

O surgimento, a difusão e a conformação plena do anarquismo ocorreram no intervalo de menos de 20 anos, compreendido entre 1868 e 1886. Nesse período, o anarquismo se estabeleceu não somente na Europa Ocidental, mas também na América do Norte, na América Latina e no norte da África. Suas principais fortalezas estavam nos seguintes países: Cuba, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México, Portugal, Suíça e Uruguai.

Esse processo está diretamente vinculado ao sindicalismo de intenção revolucionária, fortalecido e difundido no seio da Internacional – conforme sustentei anteriormente, de acordo com Gaston Leval<sup>3</sup>, como resultado da teoria e prática de Bakunin e da Aliança no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) – e que, em seguida, foi insistente e constantemente promovido pelos anarquistas. Parece evidente que esse tipo de sindicalismo (sindicalismo revolucionário) não surgiu com a CGT francesa em 1895, mas que deriva diretamente das atividades anarquistas, constituindo sua principal estratégia de ação nesse período entre 1868 e 1886, e também depois, quando ele se difunde, principalmente por obra dos anarquistas, para outras localidades no mundo. Os elementos historiográficos discutidos a seguir subsidiam o

---

<sup>3</sup> Leval, Gaston. *Bakunin, Fundador do Sindicalismo Revolucionário*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2007.

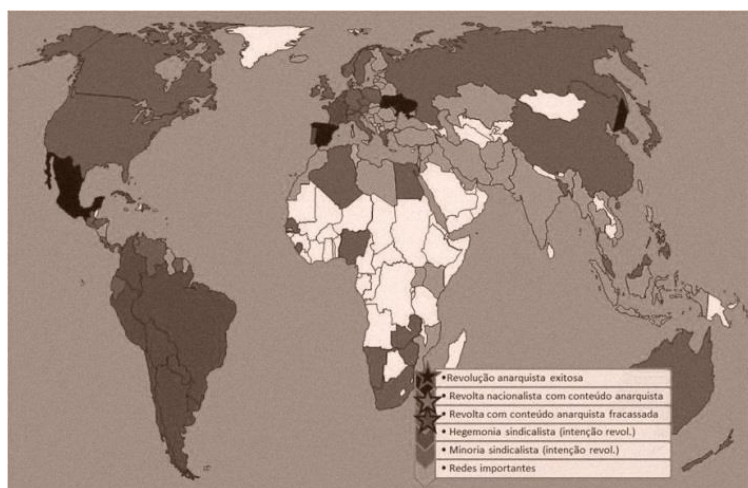
argumento anterior, de que sindicalismo revolucionário e anarcossindicalismo são estratégias anarquistas.

## **PRESENÇA GEOGRÁFICA GLOBAL**

Desde uma perspectiva territorial, o anarquismo teve presença global, nos cinco continentes do mundo. A abordagem eurocêntrica, com foco no eixo Atlântico Norte, que tem caracterizado os estudos do anarquismo, não possui subsídios para se justificar. Uma análise geográfica da presença anarquista no mundo demonstra que a Europa Ocidental e os Estados Unidos, apesar de serem continentes muito relevantes na história do anarquismo, definitivamente não são os únicos. Outros continentes tiveram, também, grande importância; a depender do critério de avaliação, destacaram-se mais que esses do eixo Atlântico Norte em certos contextos.

Dispondo as informações dessa presença do anarquismo num mapa mundial, tomando em conta seus 150 anos de história, chega-se ao seguinte:

**Presença geográfica do anarquismo nas cinco ondas**



Observando as áreas escuras, que indicam presença anarquista nos países, é possível notar que o anarquismo esteve/está presente em todas as Américas, em praticamente toda a Europa, na maioria dos países da Ásia, em grande parte da Oceania e em parte significativa da África. Suas continuidades e permanências, em termos espaciais, levando em conta uma noção de longo prazo, indicam que se trata de um fenômeno global.

As cores do gráfico indicam as localidades em que ocorreram revoluções com participação anarquista determinante, onde prevaleceram as estratégias anarquistas e sindicalistas de intenção revolucionária, onde elas foram minoritárias e as regiões em que redes foram formadas, ainda que sem a presença de sindicatos.

Em preto estão os países em que os anarquistas tiveram protagonismo em processos revolucionários: Espanha, Manchúria (Coreia), México, Ucrânia. Em cinza escuro estão os países em que o anarquismo, o anarcossindicalismo e/ou o sindicalismo revolucionário chegaram a ser hegemônicos, dentre os quais se destacam: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, França, Paraguai, Peru, Portugal e Uruguai. Em cinza médio estão os países em que houve presença considerável do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária, ainda que não tenham sido hegemônicos, dentre os quais se encontram: África do Sul, Alemanha, Argélia, Austrália, Bulgária, Canadá, China, Egito, Equador, Estados Unidos, Grécia, Inglaterra, Itália, Japão,

Namíbia, Nigéria, Nova Zelândia, Rússia, Suécia, Venezuela, Zâmbia e Zimbábue. Em cinza claro, quase na cor dos oceanos, estão os países em que se estabeleceram redes importantes, dentre os quais estão: Bielo-Rússia, Camboja, Cazaquistão, Cingapura, Estônia, Finlândia, Guiana Francesa, Guiana, Índia, Islândia, Letônia, Líbia, Lituânia, Marrocos, Moçambique, Nicarágua, Quênia, Romênia, Tailândia, Tunísia, Uganda, Vietnã, além de países do Oriente Médio.

Mais do que essa análise regionalizada da influência do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária, esse mapa nos oferece subsídios para argumentar sobre a presença geograficamente global do anarquismo.

## **PRESENÇA HISTÓRICA PERMANENTE: CINCO ONDAS DE 1868 AO PRESENTE**

Desde uma perspectiva temporal, o anarquismo teve presença permanente, de 1868 ao presente, mesmo que entre fluxos e refluxos. Trabalho aqui com a hipótese que a trajetória anarquista pode ser descrita em “cinco ondas”.<sup>4</sup> Tal enfoque surge para contrapor outros, focados, em grande medida, naquilo que se chamou de “mito dos cinco grandes momentos”, uma ênfase em cinco episódios que contaram com participação anarquista e que seriam, segundo alguns autores, os maiores destaques do anarquismo na prática. Seriam eles: o caso Haymarket, que envolveu as mobilizações do Primeiro de Maio e a morte dos Mártires de Chicago entre 1886-1887; a Confédération Générale du Travail (CGT) francesa, fundada em 1895, cuja Carta de Amiens, de 1906, influenciou determinantemente a trajetória do sindicalismo revolucionário; a Revolta de Kronstadt, no contexto da Revolução Russa, em 1921; a Revolução Espanhola de 1936-1939 e as revoltas francesas do Maio de 68.

Os estudos que trabalham nesta perspectiva exageram ao avaliar a influência anarquista em episódios como Kronstadt e o Maio de 68 francês e, ao mesmo tempo, ignoraram episódios em que esta influência foi determinante, como nos casos da Revolução Mexicana e da Revolução da Manchúria entre outros.

Esse enfoque das cinco ondas baseia-se “na militância anarquista e anarcossindicalista / sindicalista revolucionária, que teve fluxos e refluxos, de acordo com uma expansão e retração mais geral, ligados às condições objetivas das classes populares organizadas”. As cinco ondas – as quais constituem “um tecido complexo, que abarca as tramas das atividades e culturas da classe trabalhadora” e os “fluxos e refluxos dos movimentos globais de pessoas, capital e ideias” – respaldam uma abordagem que funciona como “um guia histórico para a compreensão dos altos e baixos do movimento, e não como uma lei de ferro do progresso e da reação”.<sup>5</sup> Elas são definidas da seguinte maneira:

A primeira onda, de 1868-1894, pouco conhecida, e a segunda onda, de 1895-1923, bem mais estudada, que cobre as revoluções no México, na Rússia e na Ucrânia. [...] A terceira onda, de 1924-1949, igualmente famosa, que abarca as revoluções na Manchúria e na Espanha, e que, juntamente com a segunda onda, constitui o “período glorioso” do anarquismo. [...] A quarta onda, de 1950-1989, cujo ápice se deu na Revolução Cubana em 1952-1959 e, novamente, com a Nova Esquerda de 1968. [...] A quinta onda, atual, gerada em 1989 pela queda do Muro de Berlim e pelo surgimento de mobilizações “horizontalistas” contrapondo-se ao antigo e velho “comunismo” marxista (na realidade, um capitalismo de Estado autoritário),

---

<sup>4</sup> Schmidt, Michael. *Brève Histoire de L'Anarchisme*. Quebec: Lux, 2012.

<sup>5</sup> Ibid., pp. 40-44.

às ditaduras de direita e ao neoliberalismo, por meio de novos movimentos das classes populares globalizadas.<sup>6</sup>

Esse enfoque das cinco ondas parece oferecer um quadro de referência para o argumento da permanência histórica do anarquismo. A segunda e a terceira ondas foram as mais importantes, de maior presença e influência anarquista, e podem ser consideradas o “período glorioso” da história do anarquismo, ainda que a primeira, a quarta e a quinta ondas não sejam desprezíveis.

**\* Este texto foi composto com trechos do capítulo “Surgimento, Extensão e Impacto do Anarquismo”, do livro *Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo*.**



**Este texto é parte do Programa Mínimo de Formação da OSL**

---

<sup>6</sup> Ibid., pp. 43-44.